
MARCHI, Cesare — *Impariamo l'italiano*. Milano, Rizzoli Editore, 1984. 200 p.

O livro mais vendido no último inverno italiano na categoria “ensaio” foi nada mais nada menos que um manual de gramática. Lançado em setembro de 1984, *Impariamo l'italiano*, de Cesare Marchi, passou logo para a lista dos mais vendidos. O seu Autor, formado em Letras pela Universidade de Pádua, já foi professor na escola média italiana e publicou trabalhos sobre Boccaccio, Aretino, Dante, dedicando-se atualmente, entre outras coisas, ao jornalismo. Numa época em que a língua encontra-se em crescente descrédito, sobretudo entre os jovens, aos quais os jargões da tecnologia têm inspirado a expressão do vazio cultural a que foram relegados, é no mínimo curioso que uma obra com tais propósitos caia no gosto popular. É bem verdade que não consideramos a espécie de público que estaria consumindo esse tipo de publicação. E é até provável que tenha um destino didático. Entretanto, o seu caráter jornalístico, e por isso às vezes superficial e pouco sistemático ou abrangente, o desqualificaria para um uso dessa ordem. Por outro lado, há o aspecto cômico do livro, que poderia estar funcionando como atrativo. Com efeito, ele é apresentado com o seguinte slogan: “Boas regras e maus exemplos para enfrentar com um sorriso nos lábios a primeira língua estrangeira”. E já na introdução o A. explicita a sua intenção de tratar de forma descontraída de um assunto por natureza árido: “Para adocicar a acerba matéria, o autor usou um estilo simples, plano, narrativo. Ao substituir o antigo bicho-papão escolar por uma gramática com rosto humano, sem pesadelos e sem sofismas, ele espera chamar a atenção de quem, regras e exceções, nunca as estudou, ou as esqueceu” (p. 5). Dessa forma, cada noção gramatical é situada num contexto pitoresco, ou mesmo hilariante, a que o A. invariavelmente acrescenta um dito chistoso.

O livro subdivide-se em três partes: as boas regras, o bom estilo e os maus exemplos. A parte mais extensa é dedicada às regras gramaticais, em que deparamos com questões ligadas ao uso do dicionário, à pontuação, às classes gramaticais e ao emprego apropriado das palavras. O esquema é mais ou menos o mesmo. Cada capítulo inicia-se com um fato corriqueiro, extraído da imprensa, da TV, das canções populares, de uma situação escolar ou da própria literatura, do qual se destaca um uso equivocado da língua. Este é utilizado para algum efeito cômico, em que se insiste no como não se deve falar nem escrever. E finalmente passa-se à explanação do uso correto da língua, não só naquele caso específico como em casos similares, o que implica quase sempre um elenco normativo. No capítulo dedicado aos adjetivos, por exemplo, ele censura os cantores Al Bano e Romina Power, que venceram o festival de Sanremo de 1984 com a canção *Ci sarà*, dizendo: “Não se entende por que razão, para melhorar o mundo se deva atropelar a gramática”. Eles haviam cantado: “haverá um azul mais in-

* Departamento de Letras Modernas — Instituto de Letras, História e Psicologia — UNESP — 19800 — Assis — SP.

tenso e um céu mais imenso” (p. 49). Segundo o A., não se pode acrescentar ao comparativo *piu* (mais) adjetivos que, pela sua natureza, não suportam confrontos, como imenso, infinito, enorme, onipotente, onisciente etc. “Não é concebível que A seja mais imenso, mais infinito, mais enorme do que B; são valores que transcendem todas as possibilidades de mensuração e, logo, de comparação” (ibid.). E aproveita a oportunidade para dar mais uma alfinetada no nível do festival de Sanremo lembrando que em 1980 uma canção apresentada pelo conjunto Omelet, falava de uma garota que bate à porta: “Quem será? ‘Amor mio, sono me’ [Sou eu, meu amor — que segundo as boas regras deveria ser ‘Amor mio, sono io’], responde a moça impaciente e ‘desgramaticada’. A esta altura um primeiro aluno da classe teria respondido: ‘Sei per me troppo ignorante / non ti voglio per amante’. Os Omelet ao contrário abriram a porta, fazendo com a língua italiana um belo omelete. É fácil imaginar a continuação do diálogo: ‘Dolce amor, non dirmi addio / resta sempre qui con io’ [Doce amor, não me diga adeus, fique sempre aqui comigo — em que se usa o pronome do caso reto (*io*) em lugar do oblíquo *me*.]” (p. 50).

Como já vimos, o A. coloca-se da perspectiva de quem está fornecendo material para o estudo da primeira língua estrangeira, dada a condição particular da Itália, onde, ainda hoje, o dialeto funciona realmente como língua materna. Assim, no primeiro capítulo, no qual defende, com um toque de ironia, a importância da “leitura” do dicionário (cita Anatole France, que teria dito que no dicionário se encontram todos os livros do mundo, passados e futuros; basta extrai-los de lá -- p. 9), refere-se a uma pesquisa segundo a qual os italianos dispõem em média de um conhecimento de 400 palavras per capita, o que é muito pouco para exercitar a liberdade da palavra. Sustenta também que para quem escreve e fala o conhecimento etimológico é indispensável. Aproveita a ocasião para politizar o seu discurso e questionar expressões como república democrática popular: “Antes mesmo de ser um engano político, é uma tautologia lexical, uma vez que tanto o vocábulo grego *demos*, do qual deriva democrático, quanto o latino *populus*, do qual deriva popular, significam povo. Se alguém escreve reino monárquico, água hidráulica, gelo gelado, fogo ígneo, passaria por louco. Quem diz república democrática popular, não” (p. 10). Depois de alertar para o perigo de se cair numa falsa etimologia ao confiar no ouvido para deduzir a origem de uma palavra, chama a atenção para as palavras que, a exemplo dos homens, renegam o seu passado, a sua religião e passam para o lado do inimigo. “Antes de 89, os jacobinos eram os pios fradezinhas do convento parisiense de Saint-Jacques (*Jacobus* em latim), mas depois das reuniões que ali fizeram os mais acesos revolucionários, jacobino passou a significar um ultra anticlerical” (p. 11). Nesse tom fala a seguir das famílias etimológicas: “De corte (...) provêm cortejo, cortejar, cortesã. É improvável que hoje um cortejo de cortesãs seja recebido na corte, mesmo porque há carência de monarquias; mas se isso acontecesse, seria uma reunião de família” (p. 12). E, nesta espécie de brincadeira etimológica, faz também a defesa do mestre, que etimologicamente deveria ganhar mais do que um ministro, pois, através da palavra latina *magister*, mestre deriva de *magis*, que quer dizer mais, demais, ao passo que ministro vem de *minister*, palavra que é filha de *minus*, menos, “e a confirmação desta minoração nos é dada por certos discursos de ministros” (p. 12).

De qualquer maneira, o livro constitui algo que ultrapassa o simples *divertissement*, uma vez que acaba apresentando ao leitor, além das normas básicas da língua, uma constante visão crítica dos fatos que nos cercam. Esta visão crítica decorre em boa parte do próprio estilo, que comporta comentários que vão da ironia a críticas contundentes.

tes, restabelecendo assim a vital inter-relação entre a língua e a realidade imediata, fenômeno pouco comum entre os gramáticos. É o que se observa num dos capítulos finais, dedicado ao *dolce dir niente*, quando o A. ataca o engodo da linguagem dos políticos e da imprensa em geral. Chama a atenção para a voga das “expressões” hoje imperantes, que tornam difícil o fácil através do inútil” (p. 179). Segundo o A., se Galileu voltasse a viver, na atual situação, atualizaria assim o seu sóbrio *Eppur si muove*: “Não obstante as pressões dos centros de poder aristotélicos que privilegiam o sistema ptolomaico, a minha estratégia da atenção, empenhada em verificar um novo modelo de desenvolvimento do contexto cósmico, não pode não afirmar que o nosso planeta, não obstante as carentes infra-estruturas, gira sobre si mesmo no democrático respeito, naturalmente, dos outros corpos celestes, visando a um construtivo confronto e evitando qualquer choque frontal” (p. 180). Conclui o capítulo reproduzindo um quadro com várias expressões que, combinadas livremente, podem resultar em sete milhões de frases absolutamente privadas de significado. Além de divertido, percorrer algumas dessas combinações provoca no leitor a nítida sensação de encontrar-se diante de determinadas declarações de pessoas que o procuram encobrir alguma verdade ou simplesmente se comprazem na verbosidade de quem pouco tem a dizer.

Finalmente, deve-se destacar que mesmo sendo informal, vazado em uma linguagem jornalística, o livro de Marchi assume às vezes uma posição estranhamente conservadora em relação a determinados usos plenamente justificados pela lingüística e de resto consagrados pelo discurso coloquial. Dedicar, por exemplo, um capítulo para condenar expressões do tipo *gelato alla crema* (sorvete ao creme), preferindo *gelato di crema* (sorvete de creme), por considerar o primeiro caso um francesismo. Nesta mesma linha, vê com pouca simpatia certas abreviações que ocorrem na língua italiana, a exemplo da supressão da preposição *di* em expressões como: *stazione dei viaggiatori* = *stazione viaggiatori*; *nota delle spese* = *nota spese*; *Palazzo dello sport* = *Palasport*; *mercato della frutta e della verdura* = *ortofrutta* (p. 112).

Por discutível que possa ser do ponto de vista metodológico, *Impariamo l'italiano* representa um atraente material para o estudo da língua italiana, até mesmo para estrangeiros. Embora não possa dar conta plenamente de determinadas questões que aborda, o livro funciona como estímulo para um estudo mais aprofundado, sem contar as inúmeras passagens em que desperta no leitor o espírito crítico em relação a usos ideológicos da língua.